

Carlos Ruiz Zafón

O Palácio da Meia-Noite

Tradução
Maria do Carmo Abreu

 Planeta

Uma nota do autor

Amigo leitor

Sou uma dessas pessoas que sempre saltam os Prólogos e as Introduções, pois preferem ir directas ao sumo. Se este é também o seu caso, fuja agora mesmo desta página e mergulhe de cabeça no romance, que é o que na realidade conta. Mas se é desse outro tipo de leitores (e eu confesso que, às vezes, também sou) espicaçados pela curiosidade, permita-me que lhe conte com brevidade algo deste romance que, confio, o ajudará a perceber a perspectiva.

O Palácio da Meia-Noite é o segundo romance que publiquei, por volta de 1994, e que faz parte, com *O Príncipe da Neblina*, *As Luzes de Setembro* e *Marina*, da série de romances «juvenis» que escrevi antes de *A Sombra do Vento*. Para dizer a verdade, nunca soube muito bem o que significa isso de «romance juvenil». A única coisa que sei é que quando os escrevi era bastante mais novo do que sou agora e que a minha ideia ao publicá-los era que, se tinha feito o meu trabalho correctamente, deviam interessar a leitores jovens de idades compreendidas entre os nove e os noventa anos. São histórias de mistério

e aventura, romances que quiçá o Julián Carax de *A Sombra do Vento* podia ter escrito no seu sótão do Quartier Latin de Paris, enquanto pensava no seu amigo Daniel Sempere.

O Palácio da Meia-Noite, depois de muitos anos de edições lamentáveis, vê hoje por fim a luz como o seu autor lhe pareceu que deveria ter visto quando foi publicado pela primeira vez. Passaram uns quantos anos e um romancista sente-se tentado a refazer os passos perdidos e a corrigir os muitos defeitos que infestam uma obra inicial, para que dê a impressão que possuía mais talento do que na realidade tinha. Pareceu-me mais honesto deixá-lo tal qual como o escrevi, com os recursos e a tarimba daquele tempo.

Uma das maiores satisfações com que deparei nesta profissão ao longo dos anos foram os numerosos leitores jovens que se aproximaram destes quatro romances «juvenis» e que tiveram a amabilidade de me escrever para me contar que se converteram à leitura, e alguns inclusive à escrita, depois de viver as suas aventuras.

Para eles, e para esses jovens e não tão jovens que hoje se aventuram pela primeira vez nestes romances e seus mistérios, o mais sincero agradecimento deste contador de histórias. Feliz leitura.

Junho de 2006.

CARLOS RUIZ ZAFÓN

Nunca poderei esquecer a noite em que nevou sobre Calcutá. O calendário do orfanato St. Patrick's desfiava os últimos dias de Maio de 1932 e deixava atrás um dos meses mais quentes que recordava a história da cidade dos palácios.

Dia após dia esperávamos com tristeza e receio a chegada daquele Verão em que completaríamos os dezasseis anos e que haveria de significar a nossa separação e a dissolução da Chowbar Society, aquele clube secreto e reservado a sete membros exclusivos que fora o nosso lar durante os anos no orfanato. Ali crescemos sem outra família além de nós mesmos e sem outras recordações do que as histórias que contávamos até chegar a madrugada em redor da fogueira, no pátio da velha casa abandonada que se erguia na esquina de Cotton Street e Brabourne Road, um casarão em ruínas que havíamos baptizado como o Palácio da Meia-Noite. Não sabia então que aquela seria a última vez que veria o lugar em cujas ruas me criei e cujo feitiço me perseguiu até hoje.

Não voltei a Calcutá depois daquele ano, mas sempre fui fiel à promessa que todos fizemos em silêncio, sob a chuva branca, nas

margens do rio Hooghly: não esquecer jamais o que tínhamos presenciado. Os anos ensinaram-me a amearhar na memória tudo o que aconteceu durante aqueles dias, e a conservar as cartas que recebia da cidade maldita e que mantiveram viva a chama da minha recordação. Soube assim que o nosso antigo Palácio foi demolido para erguer sobre as suas cinzas um edifício de escritórios, e que o senhor Thomas Carter, o director do St. Patrick's, faleceu após ter passado os últimos anos da sua vida na obscuridade, depois de ocorrer o incêndio que fechou os seus olhos para sempre.

Aos poucos, tive notícias da progressiva desapareição dos cenários em que vivemos naqueles dias. A fúria de uma cidade que se devorava a si mesma e a miragem do tempo acabaram por apagar o rasto dos membros da Chowbar Society.

Deste modo, sem opção, tive de aprender a viver com o temor de que esta história se perdesse para sempre por falta de um narrador.

A ironia do destino quis que seja eu, o menos indicado, o pior dotado para a tarefa, a empreender a labuta de a contar e revelar o segredo que há já tantos anos nos uniu e nos separou ao mesmo tempo para sempre na antiga estação de comboios de Jheeter's Gate. Teria preferido que fosse outro o encarregado de resgatar esta história do esquecimento, mas uma vez mais a vida mostrou-me que o meu papel era o de testemunha, não o de protagonista.

Durante todos estes anos guardei as escassas cartas de Ben e de Roshan, amearhando os documentos que davam luz ao destino de cada um dos membros da nossa sociedade particular, relendo-os uma e outra vez em voz alta na solidão do meu estúdio. Quiçá porque de certo modo intuía que a sorte me havia feito depositário da memória de todos nós. Quiçá porque compreendia que, de entre aqueles sete rapazes, eu sempre

fui o mais relutante em arriscar, o menos brilhante e ousado e, portanto, o que mais possibilidades tinha de sobreviver.

Com esse espírito, confiando que a memória não me traiçoeirá, reviverei os misteriosos e terríveis acontecimentos que ocorreram durante aqueles quatro ardentes dias de Maio de 1932.

Não será tarefa fácil e apelo à benevolência dos meus leitores frente à minha desajeitada pena na hora de resgatar do passado aquele Verão de trevas na cidade de Calcutá. Pus todo o meu empenho em reconstruir a realidade e em voltar aos turvos episódios que haveriam de traçar inexoravelmente a linha do nosso destino. Já não me falta mais nada do que desaparecer de cena e permitir que sejam os próprios actos a falar por si mesmos.

Nunca poderei esquecer os rostos daqueles rapazes assustados na noite em que nevou sobre Calcutá. Mas, como o meu amigo Ben me aconselhou o que sempre se devia fazer, começarei a minha história pelo princípio ...

O regresso da escuridão

Calcutá, Maio de 1916

Pouco depois da meia-noite, uma barça emergiu da neblina nocturna que ascendia da superfície do rio Hooghly como o fedor de uma maldição. À proa, debaixo da ténue claridade que projectava uma candeia agonizante pendurada no mastro, podia adivinhar-se a figura de um homem envolto numa capa que remava laboriosamente para a praia distante. Mais longe, a oeste, o perfil de Fort William, no Maidán, erguia-se sob um manto de nuvens de cinza à luz de um infinito sudário de lanternas e fogueiras que se estendia até onde a vista alcançava. Calcutá.

O homem deteve-se uns segundos para recuperar o fôlego e contemplar a silhueta da estação de Jheeter's Gate, que se perdia irreversível na treva que cobria a outra orla do rio. A cada metro que se adentrava na bruma, a estação de aço e vidro confundia-se com outros tantos edifícios ancorados em esplendores esquecidos. Os seus olhos vaguearam por entre aquela selva de mausoléus de mármore enegrecido por décadas de abandono e paredes nuas a que a fúria da monção arrancara a pele ocre, azul e dourada e as desenhara como aguarelas desvanecendo-se num lago.

Apenas a certeza de que só lhe restavam umas horas de vida, quiçá uns minutos, lhe permitiu continuar a marcha, abandonando nas entranhas daquele lugar maldito a mulher a quem havia jurado proteger com a sua própria vida. Naquela noite, enquanto o tenente Peake empreendia a sua última viagem a Calcutá a bordo de uma velha barça, cada segundo da sua vida se desvanecia sob a chuva que chegara ao abrigo da madrugada.

Ao mesmo tempo que lutava para arrastar a embarcação até à praia, o tenente podia ouvir o pranto das duas crianças escondidas no interior do porão. Peake olhou para trás e verificou que as luzes da outra barça piscavam apenas uma centena de metros atrás dele, ganhando terreno. Podia imaginar o sorriso do seu perseguidor, saboreando a caça, inexorável.

Ignorou as lágrimas de fome e frio dos meninos e dedicou todas as forças que lhe restavam a pilotar a embarcação até à margem do rio que vinha morrer no limiar do labirinto insondável e fantasmagórico das ruas de Calcutá. Tinham bastado duzentos anos para transformar a densa selva que crescia em redor do Kalighat numa cidade onde Deus não se teria atrevido a jamais entrar.

Em poucos minutos, a tempestade cerrara-se sobre a cidade com a cólera de um espírito destruidor. Em meados de Abril e até bem entrado o mês de Junho, a cidade consumia-se nas garras do chamado Verão Indiano. Durante esses dias, a cidade suportava temperaturas de 40 graus e um nível de humidade no limite da saturação. Minutos depois, sob o influxo de violentas trovoadas eléctricas que transformavam o céu num quadro de pólvora, os termómetros podiam descer trinta graus em questão de segundos.

O manto torrencial da chuva velava a visão dos raquíticos molhes de madeira podre que se balançavam sobre o rio. Peake não cessou o seu esforço até sentir o impacte do casco de encontro aos madeiros do molhe de pescadores e, só então, cravou a vara no fundo lodoso e se apressou a ir buscar as crianças, que jaziam envoltas numa manta. Ao pegar-lhes nos seus braços, o pranto dos bebés impregnou a noite como o rasto de sangue que guia o predador até à sua presa. Peake apertou-os contra o peito e saltou para terra.

Através da espessa cortina de água que caía com fúria, podia-se observar a outra barça aproximando-se com lentidão da praia como uma barca funerária. Sentindo a chicotada do pânico, Peake correu até às ruas que bordeavam o Maidán pelo sul e desapareceu nas sombras daquela zona da cidade a que os seus privilegiados habitantes, europeus e britânicos na sua maioria, denominavam a *Cidade Branca*.

Apenas albergava uma leve esperança de poder salvar a vida dos meninos, mas ainda estava longe do coração do sector norte de Calcutá, onde se erguia a moradia de Aryami Bosé. Aquela anciã era a única que o podia ajudar agora. Peake deteve-se e perscrutou a imensidade tenebrosa do Maidán, em busca do brilho distante das pequenas lanternas que desenhavam estrelas tremeluzentes no norte da cidade. As ruas escuras e mascaradas pelo véu da tempestade seriam o seu melhor esconderijo. O tenente apertou de encontro a si com força as crianças e afastou-se de novo na direcção este, em busca do abrigo das sombras dos grandes edifícios palacianos do centro da cidade.

Instantes depois, a barça negra que lhe havia dado caça deteve-se junto ao molhe. Três homens saltaram para terra e amarraram a embarcação. O porão da cabina abriu-se devagar e uma obscura

silhueta envolta num manto negro percorreu o passadiço que os homens tinham colocado a partir do molhe, ignorando a chuva. Uma vez em terra firme, estendeu a mão envolta numa luva negra e, assinando o ponto de onde Peake desaparecera, esboçou um sorriso que nenhum dos seus homens pôde ver debaixo da tempestade.



A estrada escura e sinuosa que cruzava o Maidán e bordeava a fortaleza transformara-se num lamaçal devido aos embates da chuva. Peake lembrava-se vagamente de haver atravessado aquela parte da cidade durante os seus tempos de lutas de rua às ordens do coronel Llewelyn, em plena luz do dia nas rédeas de um cavalo com um esquadrão do exército sedento de sangue. O destino, irónico, levava-o agora a percorrer aquela extensão de campo aberto que Lorde Clive fizera arrasar em 1758 para que os canhões de Fort William pudessem disparar em todas as direcções. Mas desta vez era ele a presa.

O tenente correu desesperado até ao arvoredor, enquanto sentia sobre si os olhares furtivos de silenciosos vigilantes escondidos entre as sombras, habitantes nocturnos do Maidán.

Sabia que ninguém iria na sua pegada para o assaltar ou tentar roubar-lhe a capa ou as crianças que choravam nos seus braços. Os moradores invisíveis daquele lugar podiam farejar o rasto da morte pegada aos seus calcanhares e nenhuma alma ousaria interpor-se no caminho do seu perseguidor.

Peake saltou as vedações que separavam o Maidán de Chowringhee Road e internou-se pela artéria principal de Calcutá. A majestosa avenida estendia-se sobre o antigo traçado do caminho que, apenas

trezentos anos antes, atravessava a selva bengali na direcção sul, até ao templo de Kali, o Kalighat, que dera origem ao nome da cidade.

O habitual enxame nocturno que rondava nas noites de Calcutá retirara-se devido à chuva e a cidade oferecia o aspecto de um grande bazar abandonado e sujo. Peake sabia que a cortina de água que afogava a visão e lhe servia de cobertura na noite cerrada podia desvanecer-se tão depressa como aparecera. As tempestades que avançavam do oceano até ao delta do Ganges alijavam-se rapidamente até ao norte ou até ao oeste depois de descarregar o seu dilúvio purificador sobre a península de Bengala, deixando um rasto de brumas e ruas inundadas com charcos envenenados onde as crianças brincavam submersas até à cintura e onde as carroças encalhavam como navios à deriva.

O tenente correu rumo ao extremo norte de Chowringhee Road até sentir que os músculos das pernas fraquejavam e que mal era capaz de continuar sustendo o peso das crianças nos braços. As luzes do sector norte, já próximas, piscavam sob o manto aveludado da chuva. Peake tinha consciência de que não poderia continuar mantendo aquele ritmo muito mais tempo e de que a casa de Aryami Bosé ainda se encontrava longe dali. Precisava fazer uma pausa na marcha.

Deteve-se a recuperar o fôlego, escondido por baixo da escada de um velho armazém de tecidos cujas paredes estavam semeadas de cartazes que anunciavam a sua breve demolição por ordem oficial. Lembrava-se vagamente de ter inspeccionado aquele lugar anos antes por denúncia de um rico comerciante que afirmava que lá dentro se escondia um importante centro onde fumavam ópio.

Agora, a água suja infiltrava-se por entre os degraus raquíticos fazendo lembrar sangue negro a brotar de uma ferida profunda. O lugar

apareceu desolado e deserto. O tenente levantou os pequenos até ao rosto e contemplou os olhos aturdidos dos bebés; já não choravam, mas tremiam de frio. A manta que os cobria estava encharcada. Peake segurou as diminutas mãos entre as suas com a esperança de lhes dar calor enquanto espreitava por entre as fendas da escada na direcção das ruas que emergiam do Maidán. Não recordava quantos assassinos recrutara o seu perseguidor, mas sabia que só restavam duas balas no seu revólver, duas balas que devia administrar com tanta astúcia quanta fosse capaz de conjurar; disparara as restantes nos túneis da estação. Envolveu de novo os meninos na manta, com a extremidade menos húmida do tecido, e deixou-os uns segundos num pedaço seco do solo que se adivinhava sob uma cavidade na parede do armazém.

Peake puxou do revólver e assomou devagar a cabeça por baixo dos degraus. Ao sul, Chowringhee Road, deserta, assemelhava-se a um palco fantasmagórico esperando o início da representação. O tenente forçou o olhar e reconheceu a estela de luzes distantes do outro lado do rio Hooghly. O som de uns passos apressados sobre o empedrado encharcado pela chuva sobressaltou-o e retirou-se de novo para as sombras.

Três indivíduos emergiram da obscuridade do Maidán, um escuro reflexo de Hyde Park esculpido em plena selva tropical. As lâminas das facas brilharam na penumbra como línguas de prata candente. Peake apressou-se a pegar de novo os meninos nos braços e inspirou fundo, consciente de que, se fugisse naquele momento, os homens cairiam sobre ele numa questão de segundos como uma matilha esfomeada.

O tenente permaneceu imóvel contra a parede do armazém e vigiou os seus três perseguidores, que se haviam detido um instante

em busca do seu rasto. Os três assassinos a soldo trocaram entre si umas palavras ininteligíveis e um deles indicou aos outros que se separassem. Peake estremeceu ao verificar que um deles, o que dera a ordem para se apartarem, se dirigia até à escada por baixo da qual se escondia. Por um segundo, o tenente pensou que o cheiro do seu medo o conduziria até ao esconderijo.

Os seus olhos percorreram desesperados a superfície da parede por baixo da escada em busca de alguma abertura por onde fugir. Ajoelhou-se junto da concavidade onde deixara as crianças segundos antes e tratou de forçar as placas desconchavadas e amolecidas pela humidade. A lâmina de madeira, ferida pelo apodrecimento, cedeu sem dificuldade, e Peake sentiu uma exalação de ar nauseabundo que emanava do interior da cave do edifício em ruínas. Olhou para trás e observou o assassino, que se encontrava apenas a uma vintena de metros da base da escada e brandia a faca na mão.

Envolveu os meninos na sua própria capa para os proteger e rastejou para o interior do armazém. Uma pontada de dor, uns centímetros acima do joelho, paralisou-lhe de súbito a perna direita. Peake palpou com mãos trémulas e os dedos roçaram o prego oxidado que se lhe afundava dolorosamente na carne. Abafando o grito agónico, Peake agarrou na ponta do frio metal, puxou com força e sentiu que a pele se rasgava à sua passagem e que o sangue quente brotava entre os seus dedos. Um espasmo de náusea e dor nublou-lhe a visão durante vários segundos. Arquejante, pegou outra vez nos meninos e pôs-se laboriosamente de pé. Abria-se à sua frente uma fantasmagórica galeria com centenas de estantes vazias de vários andares formando uma estranha retícula que se perdia nas sombras. Sem hesitar um instante, correu até ao outro

extremo do armazém, cuja estrutura, ferida de morte, rangia debaixo da tempestade.



Quando Peake saiu de novo para o ar livre, depois de ter atravessado centenas de metros, emergiu daquele edifício em ruínas e descobriu que se achava a escassa centena de metros do Tiretta Bazar, um dos muitos centros de comércio da área norte. Abençoou a sua boa sorte e dirigiu-se para o complexo emaranhado de ruas estreitas e sinuosas que compunham o coração daquele heterogéneo sector de Calcutá, na direcção da casa de Aryami Bosé.

Empregou dez minutos a percorrer o caminho até ao lar da última dama da família Bosé. Aryami vivia sozinha num antigo casarão de estilo bengali que se erguia por trás da espessa vegetação selvagem que crescera no pátio durante anos, sem a intervenção da mão do homem, e que lhe conferia o aspecto de um lugar abandonado e fechado. No entanto, nenhum habitante do norte de Calcutá, um sector também conhecido como a *Cidade Negra*, teria ousado ultrapassar os limites daquele pátio e penetrar nos domínios de Aryami Bosé. Os que a conheciam apreciavam-na e respeitavam-na tanto como a temiam. Não havia uma só alma nas ruas do norte de Calcutá que não tivesse ouvido falar dela e da sua estirpe em qualquer momento da sua vida. Entre as pessoas daquele lugar, a sua presença era comparável à de um espírito: poderosa e invisível.

Peake correu até ao portão de lanças negras que abria o início do trilho tomado pelos arbustos no pátio e apressou-se para a escadaria de mármore partido que subia até à porta da casa. Segurando as duas

crianças com um braço, bateu repetidamente à porta com o punho, esperando que o fragor da tempestade não afogasse o som do seu apelo.

O tenente bateu na porta durante vários minutos, com o olhar fixo nas ruas desertas atrás de si e alimentando o medo de ver aparecer os seus perseguidores a qualquer momento. Quando a porta se abriu à sua frente, Peake voltou-se e a luz de uma candeia cegou-o, enquanto uma voz que não ouvia há cinco anos pronunciava o seu nome em voz baixa. Peake cobriu os olhos com uma mão e reconheceu o semblante impenetrável de Aryami Bosé.

A mulher leu no seu olhar e observou as crianças. Uma sombra de dor espalhou-se sobre o seu rosto. Peake baixou os olhos.

– Ela morreu, Aryami – murmurou Peake. – Já estava morta quando cheguei...

Aryami fechou os olhos e respirou fundo. Peake verificou que a confirmação das suas piores suspeitas abria caminho na alma da dama como um pingo de ácido.

– Entra – disse-lhe por fim, dando-lhe passagem e fechando a porta.

Peake apressou-se a pousar os meninos sobre uma mesa e a tirar-lhes as roupas molhadas. Aryami, em silêncio, pegou em panos secos e envolveu-os enquanto Peake avivava o fogo para lhes dar calor.

– Seguem-me, Aryami – disse Peake. – Não posso ficar aqui.

– Estás ferido – indicou a mulher, apontando a ferida que o prego do armazém lhe fizera.

– É apenas um arranhão superficial – mentiu Peake. – Não me dói.

Aryami aproximou-se dele e estendeu a mão para acariciar o rosto suado de Peake.

– Tu sempre a amaste...

Peake desviou o olhar para os pequenos e não respondeu.

– Poderiam ter sido teus filhos – disse Aryami. – Quiçá assim tivessem tido melhor sorte.

– Tenho de me ir já, Aryami – concluiu o tenente. – Se fico aqui, não vão parar até me encontrarem.

Trocaram ambos um olhar derrotado, conscientes do destino que esperava Peake assim que voltasse às ruas. Aryami segurou as mãos do tenente entre as suas e apertou-as com força.

– Nunca fui boa contigo – disse. – Temia pela minha filha, pela vida que poderia ter junto a um oficial britânico. Mas estava enganada. Suponho que nunca me perdoarás.

– Isso já não tem importância nenhuma – respondeu Peake. – Devo ir. Agora.

Peake aproximou-se um último instante para contemplar os meninos que descansavam ao calor do fogo. Os bebés olharam-no com curiosidade divertida e olhos brilhantes, sorridentes. Estavam a salvo. O tenente dirigiu-se para a porta e suspirou fundo. Depois daqueles momentos de repouso, o peso da fadiga e a dor palpitante que sentia na perna caíram sobre si implacáveis. Gastara até ao último fôlego das suas forças para levar os bebés àquele lugar e agora duvidava da sua capacidade para fazer frente ao inevitável. Lá fora, a chuva continuava a açoitar o matagal e não havia sinal do seu perseguidor nem dos seus esbirros.

– Michael... – disse Aryami nas suas costas.

O jovem deteve-se sem olhar para trás.

– Ela sabia – mentiu Aryami. – Soube-o desde sempre e tenho a certeza de que, de certa maneira, te correspondia. Foi por minha culpa. Não lhe guardes rancor.

Peake assentiu em silêncio e fechou a porta atrás de si. Permaneceu uns segundos à chuva e depois, com a alma em paz, retomou o caminho de encontro aos seus perseguidores. Deslizou os passos até chegar ao lugar de onde saíra do armazém abandonado para se internar de novo nas sombras do velho edifício, em busca de um esconderijo onde pudesse esperar.

Enquanto se ocultava na obscuridade, o esgotamento e a dor que sentia fundiram-se paulatinamente numa inebriante sensação de abandono e paz. Os lábios insinuaram o desenho de um sorriso. Já não tinha nenhum motivo, nem esperança, para continuar a viver.



Os dedos longos e afilados da luva negra acariciaram a ponta ensanguentada do prego que assomava da tábua partida, ao pé da entrada da cave do armazém. Devagar, enquanto os seus homens esperavam em silêncio, a esguia figura que escondia o rosto sob o capuz negro levou a ponta do indicador aos lábios e lambeu a gota de sangue escura e espessa, saboreando-a como se se tratasse de uma lágrima de mel. Após uns segundos, voltou-se para aqueles homens que comprara horas antes por umas simples moedas e a promessa de novo pagamento no fim do trabalho e apontou para o interior do edifício. Os três esbirros apressaram-se a introduzir-se através do alçapão que Peake abrira minutos antes. O encapuzado sorriu no escuro.

– Estranho lugar escolheste para vir morrer, tenente Peake – murmurou para si mesmo.

Escondido atrás de uma coluna de caixas vazias nas entranhas da cave, Peake observou as três silhuetas introduzirem-se no edifício e, embora não pudesse ver dali, teve a certeza de que o seu amo estava à espera do outro lado da parede. Pressentia a sua presença. Empunhou o revólver e fez girar o tambor até colocar uma das balas na câmara, abafando o som da arma sob a túnica ensopada que o cobria. Já não sentia remorsos em empreender o caminho até à morte, mas não pensava percorrê-lo sozinho.

A adrenalina que lhe corria nas veias mitigara a dor pulsante do joelho, até a transformar num pulsar surdo e distante. Surpreendido ante a sua própria serenidade, Peake sorriu de novo e permaneceu imóvel no seu esconderijo. Contemplou o lento avanço dos três homens através dos corredores por entre as estantes vazias, até que os seus verdugos se detiveram a uma dezena de metros. Um dos homens ergueu a mão em sinal de paragem e indicou umas marcas no chão. Peake colocou a arma à altura do peito, apontando para eles, e apertou o gatilho do revólver.

A um novo sinal, os três homens separaram-se. Dois cercaram com lentidão o caminho que conduzia à pilha de caixas, e o terceiro caminhou em linha recta até Peake. O tenente contou mentalmente até cinco e, de súbito, empurrou a coluna de caixas sobre o atacante. As caixas desmoronaram-se em cima do adversário e Peake correu para a abertura por onde entrara.

Um dos assassinos a soldo saiu ao seu encontro numa intersecção do corredor, brandindo a lâmina da faca a um palmo do seu rosto. Antes que aquele criminoso de aluguer pudesse sorrir vitorioso, o cano do revólver de Peake cravou-se por baixo do queixo.

– Larga a faca – cuspiu o tenente.

O homem leu os olhos glaciais do tenente e fez o que lhe ordenava. Peake puxou-lhe com brutalidade o cabelo e, sem retirar a arma, voltou-se para os seus aliados escudando-se com o corpo do refém. Os outros dois pistoleiros aproximaram-se lentamente dele, ameaçadores.

– Tenente, poupa-nos a cena e entrega-nos o que procuramos – murmurou uma voz familiar nas suas costas. – Estes homens são honrados pais de família.

Peake olhou para o encapuzado que sorria na penumbra, a escasos metros dele. Um dia, não muito distante, aprendera a apreciar aquele rosto como o de um amigo. Agora apenas podia reconhecer nele o seu assassino.

– Vou fazer voar a cabeça deste homem, Jawahal – gemeu Peake. O seu refém fechou os olhos, tremendo.

O encapuzado cruzou as mãos pacientemente e emitiu um leve suspiro de fastio.

– Faz isso se te apraz, tenente – replicou Jawahal –, mas esse acto não te tira daqui.

– Falo a sério – replicou Peake, afundando mais a ponta do cano por baixo do queixo do homem.

– Claro, tenente – disse Jawahal em tom conciliador. – Dispara se tens a coragem necessária para matar um homem a sangue-frio e sem autorização de sua majestade. Caso contrário, larga a arma e assim poderemos chegar a um acordo proveitoso para as duas partes.

Os dois assassinos armados tinham parado e permaneciam imóveis, dispostos a saltar sobre ele ao primeiro sinal do encapuzado. Peake sorriu.

– Muito bem – disse por fim. – Que te parece este acordo?

Peake empurrou o seu refém para o chão e voltou-se para o encapuzado, com o revólver levantado. O eco do primeiro disparo percorreu a cave. A mão enluvada do encapuzado emergiu da nuvem de pólvora com a palma estendida. Peake julgou ver o projectil esmagado a brilhar na penumbra e fundindo-se vagaroso num fio de metal líquido que escorria por entre os dedos afilados como um punhado de areia.

– Má pontaria, tenente – disse o encapuzado. – Tenta de novo, mas desta vez mais perto.

Sem lhe dar tempo a mover um músculo, o encapuzado agarrou na mão armada de Peake e levou a ponta do cano da pistola ao seu rosto, entre os olhos.

– Não te ensinaram a fazer assim na academia? – sussurrou-lhe.

– Houve um tempo em que fomos amigos – disse Peake.

Jawahal sorriu com desprezo.

– Esse tempo, tenente, passou – respondeu o encapuzado.

– Que Deus me perdoe – gemeu Peake, premindo de novo o gatilho.

Num instante que pareceu eterno, Peake contemplou como a bala perfurava o crânio de Jawahal e lhe arrancava o capuz da cabeça. Durante uns segundos, a luz atravessou a ferida sobre aquele rosto congelado e sorridente. Depois, o orifício fumegante aberto pelo projectil fechou-se devagar sobre si mesmo e Peake sentiu que o revólver lhe escorregava dos dedos.

Os olhos incendiados do seu opositor cravaram-se nos seus e uma língua comprida e negra assomou por entre os lábios.

– Ainda não percebes, não é verdade, tenente? Onde estão os meninos?

Não era uma pergunta; era uma ordem.

Peake, mudo de terror, abanou a cabeça.

– Como queiras.

Jawahal apertou-lhe a mão como uma tenaz e Peake sentiu que os ossos dos dedos estalavam por baixo da carne. O espasmo de dor fê-lo cair no chão de joelhos, sem respiração.

– Onde estão os meninos? – repetiu Jawahal.

Peake tentou articular umas palavras, mas o fogo que subia do coto ensanguentado que segundos antes fora a sua mão paralisara-lhe a fala.

– Queres dizer algo, tenente? – murmurou Jawahal, ajoelhando-se em frente dele.

Peake assentiu.

– Muito bem, muito bem – sorriu o seu inimigo. – Francamente, o teu sofrimento não me diverte. Ajuda-me a pôr-lhe fim.

– Os meninos morreram – gemeu Peake.

O tenente notou a careta que se desenhava no rosto de Jawahal.

– Não, não. Estavas a ir muito bem, tenente. Não estragues tudo agora.

– Morreram – repetiu Peake.

Jawahal encolheu os ombros e assentiu lentamente.

– Está bem – admitiu. – Não me deixas outra opção. Mas antes que te vás, permite-me recordar-te que, quando a vida de Kylian estava nas tuas mãos, foste incapaz de fazer qualquer coisa para a salvar. Homens como tu foram a causa da sua morte. Mas os dias desses homens acabaram. Tu és o último. O futuro é meu.

Peake ergueu um olhar suplicante para Jawahal e, devagar, notou que as pupilas dos seus olhos se afileavam num estreito corte sobre

duas esferas douradas. O homem sorriu e, com infinita delicadeza, começou a tirar a luva que lhe cobria a mão direita.

– Lamentavelmente, não viverás o suficiente para o veres – acrescentou Jawahal. – Não creias nem por um segundo que o teu acto heróico tenha servido para algo. És um estúpido, tenente Peake. Sempre me deste essa impressão, e na hora de morrer não fazes mais do que a confirmar. Espero que haja um inferno para os estúpidos, Peake, porque é para aí que te vou enviar.

Peake fechou os olhos e ouviu o silvo do fogo a uns centímetros do seu rosto. Após um instante interminável, sentiu uns dedos ardentes que se apertavam sobre a garganta e ceifavam o seu último sopro de vida. Entretanto, ao longe, ouvia o som daquele comboio maldito e as vozes espectrais de centenas de crianças vociferantes entre as chamas. Depois, a escuridão.



Aryami Bosé percorreu a casa e foi apagando uma a uma as velas que iluminavam o seu santuário. Deixou apenas o tímido clarão do fogo, que projectava fugazes halos de luz sobre as paredes nuas. Os meninos dormiam já ao calor das brasas e apenas o repenicar da chuva sobre os postigos fechados e o crepitar das chamas rompiam o silêncio sepulcral que reinava em toda a casa. Lágrimas silenciosas escorreram-lhe pelo rosto e caíram sobre a túnica dourada, enquanto Aryami pegava com mãos trémulas no retrato da filha Kylian de entre os objectos que amealhara num pequeno cofre de bronze e marfim.

Um velho fotógrafo itinerante proveniente de Bombaim tirara aquela fotografia algum tempo antes do casamento sem aceitar

qualquer pagamento em troca. A imagem mostrava-a tal como Aryami se recordava, envolta naquela estranha luminosidade que parecia emanar de Kylian e que encantava todos os que a conheciam, da mesma forma que enfeitiçara o olho perito do retratista, que a baptizou com a alcunha por que todos a recordavam: a *Princesa de Luz*.

Claro que Kylian nunca foi uma verdadeira princesa, nem teve outro reino do que as ruas que a haviam visto crescer. No dia em Kylian deixou a casa dos Bosé para ir viver com o marido, as pessoas do Machuabazaar despediram-se com lágrimas nos olhos enquanto viam passar a carruagem branca que levava para sempre a princesa da *Cidade Negra*. Era apenas uma menina quando o destino a levou e jamais voltou.

Aryami sentou-se junto dos meninos em frente do fogo e apertou a velha fotografia ao peito. A tempestade rugiu de novo e Aryami resgatou a força da sua ira para decidir o que devia fazer agora. O perseguidor do tenente Peake não se contentaria em acabar com ele. A coragem do jovem granjeira-lhe uns minutos preciosos que não podia desperdiçar por motivo nenhum, nem sequer para chorar a memória da filha. A experiência já lhe mostrara que o futuro lhe reservaria mais tempo do que o tolerável para se lamentar dos erros cometidos no passado.



Pôs a fotografia outra vez no cofre e pegou na medalha que mandara fazer para Kylian anos antes, uma jóia que jamais usou. A medalha era composta por dois círculos de ouro, um sol e uma lua, que encaixavam um no outro formando uma única peça. Pressionou

o centro da medalha e ambas as partes se separaram. Aryami enfiou cada uma das duas metades em grossas correntes de ouro e colocou-as ao pescoço de cada uma das crianças.

Enquanto o fazia, a dama meditava em silêncio nas decisões que devia tomar. Só um caminho parecia apontar a sua sobrevivência: devia separá-las e afastá-las uma da outra, apagar o seu passado e esconder a sua identidade ao mundo e a si mesmas, por mais doloroso que pudesse ser. Não era possível mantê-las juntas sem se denunciar tarde ou cedo. Aquele era um risco que não podia assumir a nenhum preço. E devia enfrentar necessariamente aquele dilema antes do amanhecer.

Aryami tomou os dois bebés nos braços e beijou-os suavemente na testa. As diminutas mãos acariciaram-lhe o rosto e os dedos minúsculos tocaram nas lágrimas que lhe cobriam a face, enquanto o olhar risonho de ambos a examinavam sem compreender. Estreitou-os de novo nos braços e devolveu-os ao pequeno berço que improvisara para eles.

Depois de os deixar a repousar, acendeu a chama de uma candeia e pegou em caneta e papel. O futuro dos netos estava agora nas suas mãos. Inspirou fundo e começou a escrever. À distância, podia ouvir a chuva que já amainava e os sons da tempestade que se afastavam para o norte, estendendo sobre Calcutá um manto infinito de estrelas.



Thomas Carter acreditara que, ao chegar aos cinquenta anos, a cidade de Calcutá, o seu lar durante os últimos trinta e três anos, já não lhe reservaria mais surpresas.

Ao amanhecer daquele dia de Maio de 1916, depois de uma das tempestades mais furiosas de que se lembrava fora da época da monção, a surpresa chegou às portas do orfanato St. Patrick's sob a forma de um cesto com um menino e uma carta lacrada dirigida à sua especial atenção.

A surpresa era dupla. Em primeiro lugar, ninguém se incomodava em abandonar uma criança em Calcutá às portas de um orfanato; havia becos, lixeiras e poços por toda a cidade para o fazer mais comodamente. E, em segundo, ninguém escrevia missivas de apresentação como aquela, assinadas e sem dúvida possível quanto à sua autoria.

Carter examinou as lentes contra a luz e exalou o vapor sobre elas para facilitar a limpeza com um lenço de algodão cru e envelhecido que utilizava para aquele tarefa pelo menos vinte e cinco vezes por dia, trinta e cinco durante os meses do Verão indiano.

O menino descansava lá em baixo, no quarto de Vendela, a enfermeira-chefe, sob a sua atenta vigilância, depois de ter sido observado pelo doutor Woodward, que foi arrancado do sono pouco antes do amanhecer e a quem, com excepção do seu dever hipocrático, não foram dadas mais explicações.

A criança estava essencialmente sã. Mostrava alguns sinais de desidratação, mas não parecia estar afectada por nenhuma febre do vasto catálogo que costumava ceifar as vidas de milhares como aquela e lhes negava o direito a atingir a idade necessária para aprender a pronunciar o nome da mãe. Tudo o que vinha com ela era a medalha de ouro em forma de sol que Carter segurava entre os dedos e aquela carta. Uma carta que, se a considerasse verdadeira, e custava-lhe encontrar uma alternativa a essa possibilidade, o colocava numa situação comprometedora.

Carter guardou a medalha, fechada à chave, na gaveta superior da sua secretária, e pegou outra vez na missiva e releu-a pela décima vez.

Caro senhor Carter,

Vejo-me obrigada a solicitar a sua ajuda nas mais penosas circunstâncias, apelando à amizade que me consta o uniu ao meu defunto marido por mais de dez anos. Durante esse período o meu marido não poupou elogios à sua honestidade e à extraordinária confiança que o senhor sempre lhe inspirou. Por ele hoje rogo-lhe que atenda a minha súplica, por estranha que lhe possa parecer, com a maior urgência e, se possível, com o maior dos segredos.

O menino que me vejo obrigada a entregar-lhe perdeu os pais às mãos de um assassino que jurou matar ambos e acabar também com a sua descendência. Não posso nem julgo oportuno revelar-lhe os motivos que o levaram a cometer semelhante acto. Bastará que lhe diga que o aparecimento do menino deve ser mantido em segredo e que por nenhum motivo deve dar parte do mesmo à polícia ou às autoridades britânicas, dado que o assassino dispõe de ligações em ambos os organismos que não tardariam em conduzi-lo até ele.

Por motivos óbvios, não posso criar o menino comigo sem o expor a sofrer o mesmo destino que acabou com os pais. Por isso lhe rogo que tome conta dele, lhe dê um nome e o eduque nos rectos princípios da sua instituição para fazer dele no dia de amanhã uma pessoa tão honrada e honesta como foram os seus pais.

Tenho consciência de que o menino não poderá jamais ter conhecimento do seu passado, mas é de vital importância que assim seja.

Não disponho de muito tempo para lhe dar mais pormenores, e vejo-me de novo forçada a recordar-lhe a amizade e a confiança que teve no meu marido para legitimar o meu pedido.

Suplico-lhe que, ao acabar a leitura desta carta, a destrua, assim como qualquer sinal que possa denunciar o aparecimento do menino. Lamento não poder fazer este pedido pessoalmente, mas a gravidade da situação impede-me de o fazer.

Confiante que saberá tomar a decisão adequada, receba a minha eterna gratidão.

ARYAMI BOSÉ

Uma batida na porta arrancou-o à leitura. Carter tirou os óculos, dobrou com cuidado a carta e meteu-a na gaveta da sua secretária, que fechou à chave.

– Entre – disse.

Vendela, a enfermeira-chefe do St. Patrick's, assomou ao escritório com o seu sempiterno semblante austero e formal. O olhar não inspirava bons augúrios.

– Há um cavalheiro lá em baixo que deseja vê-lo – disse com brevidade.

Carter franziu o sobrolho.

– De que se trata?

– Não me quis dar pormenores – respondeu a enfermeira, mas a sua expressão parecia insinuar claramente que o seu instinto farejava que tais pormenores, se os houvesse, deviam ser algo suspeitos.

Depois de uma pausa, Vendela entrou no gabinete e fechou a porta atrás de si.

– Creio que se trata do menino – disse a enfermeira com certa inquietação. – Não lhe disse nada.

– Falou com mais alguém? – inquiriu Carter.

Vendela abanou a cabeça. Carter assentiu e guardou a chave da secretária no bolso das calças.

– Posso dizer-lhe que não está aqui neste momento – sugeriu Vendela.

Carter considerou a opção por um instante e concluiu que, se as suspeitas de Vendela apontavam na direcção correcta (e costumava), aquilo não faria mais do que reforçar a aparência de que o St. Patrick's tinha algo a esconder. A decisão tomou-se num instante.

– Não. Recebê-lo-ei, Vendela. Mande-o entrar e assegure-se de que ninguém do pessoal fala com ele. Discrição absoluta sobre este assunto. De acordo?

– Compreendido.

Carter ouviu afastar-se pelo corredor os passos de Vendela, enquanto limpava outra vez as lentes e verificava que a chuva voltava a golpear com impertinência nos vidros da janela.



O homem vestia uma longa capa negra e a cabeça envolta num turbante onde aparecia um medalhão escuro que sugeria a silhueta de uma serpente. Os modos requintados indicavam os de um próspero comerciante do norte de Calcutá e os seus traços pareciam vagamente hindus, ainda que a pele reflectisse uma palidez doentia, a pele de alguém a quem os raios do Sol nunca alcançaram. A mestiçagem de raças nascida em Calcutá fundira nas suas ruas bengalis, arménios,

judeus, anglo-saxões, chineses, muçulmanos e incontáveis grupos vindos até ao campo de Kali em busca de sorte ou refúgio. Aquele rosto podia ter pertencido a qualquer dessas etnias e a nenhuma.

Carter sentiu nas costas os olhos penetrantes, inspeccionando-o com cuidado, enquanto servia as duas chávenas de chá na bandeja em que Vendela as dispusera.

– Sente-se, por favor – indicou Carter amavelmente ao desconhecido. – Açúcar?

– Tomá-lo-ei como o senhor.

A voz do desconhecido não revelava sotaque ou expressão. Carter engoliu em seco, fixou nos lábios um sorriso cordial e voltou-se, estendendo a chávena de chá ao homem. Dedos envoltos numa luva negra, longos e afilados como garras, fecharam-se sobre a porcelana quente sem vacilação. Carter sentou-se na sua poltrona e mexeu o açúcar na sua chávena.

– Lamento importuná-lo neste momento, senhor Carter. Imagino que terá muito que fazer e serei breve – afirmou o homem.

Carter assentiu cortês.

– Qual é então o motivo da sua visita, senhor...? – começou Carter.

– O meu nome é Jawahal, senhor Carter – explicou o desconhecido. – Serei muito franco. Talvez a minha pergunta lhe pareça estranha, mas encontraram um menino, um bebé de apenas alguns dias, durante a noite passada ou durante o dia de hoje?

Carter franziu o cenho e exibiu o seu melhor semblante de surpresa. Nem demasiado óbvio nem demasiado subtil.

– Um menino? Creio que não compreendo.

O homem que afirmava chamar-se Jawahal sorriu com franqueza.

– Vamos lá a ver. Não sei por onde começar. A verdade é que se trata de uma história um tanto embaraçosa. Confio na sua discrição, senhor Carter.

– Conte com ela, senhor Jawahal – replicou Carter, bebendo um gole da sua chávena de chá.

O homem, que não bebera da sua, descontraíu-se e dispôs-se a esclarecer as suas perguntas.

– Posso um importante negócio têxtil no norte da cidade – explicou. – Sou o que poderíamos chamar um homem com boa posição. Alguns chamam-me rico e não deixam de ter razão. Tenho muitas famílias a meu cargo e honra-me poder ajudá-las no que está ao meu alcance.

– Todos fazemos o que podemos, tal como estão as coisas – afirmou Carter, sem afastar o olhar daqueles olhos negros e insondáveis.

– Claro – continuou o desconhecido. – O motivo que me trouxe à sua honorável instituição é um assunto penoso que gostaria de poder solucionar quanto antes. Há uma semana, uma rapariga que trabalha numa das minhas oficinas deu à luz um menino. O pai da criança é, ao que parece, um canalha anglo-indiano que andava com ela e cujo paradeiro, uma vez que soube da gravidez da rapariga, é desconhecido. Parece que a família da jovem é de Deli, muçulmanos e pessoas rigorosas, que não estavam ao corrente do assunto.

Carter assentiu gravemente, mostrando a sua comiseração pela história contada.

– Há dois dias, soube por um dos meus capatazes que a rapariga, num acto de loucura, fugiu da casa onde vivia com uns familiares com a ideia de, segundo parece, vender a criança – prosseguiu Jawahal. – Não a julgue mal, é uma rapariga exemplar, mas a pressão que pesava

sobre ela desmoronou-se. Não deve estranhar. Este país, tal como o seu, senhor Carter, é pouco tolerante com as fraquezas humanas.

– E o senhor julga que o menino pode estar aqui, senhor Jahawal? – perguntou Carter, procurando retomar o fio da meada.

– Jawahal – corrigiu o visitante. – Vejamos. A verdade é que, desde que tive conhecimento dos factos, me senti de certa forma responsável. Afinal, a rapariga trabalhava debaixo do meu tecto. Eu e alguns capatazes de confiança percorremos a cidade e averiguámos que a jovem vendera o menino a um desprezível criminoso que negocia com criaturas para mendigar. Uma realidade tão lamentável como frequente hoje em dia. Demos com ele mas, por circunstâncias que agora não vêm ao caso, escapou no último segundo. Isto aconteceu ontem à noite, nas imediações deste orfanato. Tenho motivos para pensar que, com medo do que lhe pudesse acontecer, este indivíduo quiçá abandonou o menino na vizinhança.

– Compreendo – afirmou Carter. – E deu conhecimento deste assunto às autoridades locais, senhor Jawahal? O tráfico de crianças é castigado com dureza, como sabe.

O desconhecido cruzou as mãos e suspirou.

– Confiava poder solucionar o caso sem necessidade de chegar a esse extremo – disse. – Francamente, se o fizesse, implicaria a jovem e o menino ficaria sem pai nem mãe.

Carter avaliou com cautela a história do desconhecido e assentiu lenta e repetidamente em sinal de compreensão. Não acreditava numa única palavra do que contara.

– Lamento não poder ajudá-lo, senhor Jawahal. Infelizmente, não encontrámos nenhum menino, nem soubemos que tivesse acontecido na zona – explicou Carter. – De qualquer maneira, se me der os seus

dados, pôr-me-ei em contacto consigo no caso de haver qualquer notícia, embora receie que me veria obrigado a informar as autoridades no caso de uma criança ser abandonada neste hospital. É a lei e não a posso ignorar.

O homem contemplou Carter em silêncio durante uns segundos, sem pestanejar. Carter sustentou-lhe o olhar sem alterar o sorriso nem por um momento, embora sentisse como se estômago se encolhia, o pulso se acelerava como se se achasse diante de uma serpente disposta a saltar sobre ele. Por fim, o desconhecido sorriu com cordialidade e apontou a silhueta do Raj Bhawan, o edifício do governo britânico, de aspecto apalaçado, que se erguia à distância sob a chuva.

– Vocês, os britânicos, são admiravelmente observadores da lei e isso honra-os. Não foi Lorde Wellesley quem decidiu mudar a sede do governo em 1799 para aquele magnífico enclave para dar nova envergadura à sua lei? Ou foi em 1800? – inquiriu Jawahal.

– Receio não ser um bom conhecedor da história local – afirmou Carter, desconcertado com a extravagante reviravolta que Jawahal dera à conversa.

O visitante franziu as sobrancelhas, em sinal de amável e pacífica desaprovação da sua declarada ignorância.

– Calcutá, com apenas duzentos e cinquenta anos de vida, é uma cidade tão desprovida de história que o mínimo que podemos fazer por ela é conhecê-la, senhor Carter. Voltando ao assunto, eu diria que foi em 1799. Sabe a razão da mudança? O governador Wellesley disse que a Índia devia ser governada a partir de um palácio e não de um edifício de contabilistas; com as ideias de um príncipe e não com as de um comerciante de especiarias. Uma grande visão, diria eu.

– Sem dúvida – corroborou Carter, levantando-se com a intenção de se despedir do estranho visitante.

– Para mais, se possível, num império onde a decadência é uma arte e Calcutá o seu maior museu – acrescentou Jawahal.

Carter assentiu de forma superficial sem saber muito bem a quê.

– Lamento tê-lo feito perder o seu tempo, senhor Carter – concluiu Jawahal.

– Antes pelo contrário – replicou Carter. – Só lamento não poder ser de maior ajuda. Em casos assim, todos temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance.

– É verdade – corroborou Jawahal, levantando-se por sua vez. – Agradeço de novo a sua amabilidade. Só lhe queria fazer mais uma pergunta.

– Responderei com todo o prazer – replicou Carter, rogando interiormente pelo momento em que se pudesse livrar da presença daquele indivíduo.

Jawahal sorriu com malícia, como se lhe tivesse lido os pensamentos.

– Até que idade permanecem convosco os rapazes que recolhem, senhor Carter?

Carter não conseguiu disfarçar a sua expressão de estranheza ante a pergunta.

– Espero não ter cometido nenhuma indiscrição – apressou-se a suavizar Jawahal. – Se assim foi, ignore a minha pergunta. É simples curiosidade.

– De maneira alguma. Não é nenhum segredo. Os internos do St. Patrick's permanecem debaixo do nosso tecto até ao dia em que completam dezasseis anos. Passado esse prazo, conclui-se o período

da tutela legal. Já são adultos, ou assim acha a lei, e estão em condições de começar a sua própria vida. Como vê, esta é uma instituição privilegiada.

Jawahal ouviu-o atento e pareceu meditar sobre o assunto.

– Imagino que deve ser doloroso para si vê-los partir depois de os ter todos esses anos ao seu cuidado – observou Jawahal. – De certa maneira, o senhor é o pai de todos esses rapazes.

– Faz parte do meu trabalho – mentiu Carter.

– Claro! No entanto, perdoe o meu atrevimento, mas como sabem qual é a verdadeira idade de um miúdo que carece de pais e família? Uma questão técnica, suponho...

– A idade de cada um dos nossos internos é a data da sua chegada ou um cálculo aproximado que a instituição faz – explicou Carter, incomodado ante a perspectiva de discutir procedimentos do St. Patrick's com aquele desconhecido.

– Isso transforma-o num pequeno deus, senhor Carter – comentou Jawahal.

– É uma apreciação que não partilho – respondeu seco Carter.

Jawahal saboreou o desgosto que aflorara o rosto de Carter.

– Desculpe a minha ousadia, senhor Carter – afirmou Jawahal.

– Seja como for, gostei de o ter conhecido. É possível que o visite no futuro e possa dar alguma contribuição para a sua nobre instituição. Talvez volte dentro de dezasseis anos e possa assim conhecer os rapazes que hoje começaram a fazer parte da sua grande família...

– Será um prazer recebê-lo nessa altura, se assim deseja – disse Carter, acompanhando o desconhecido até à porta do seu gabinete.

– Parece que a chuva se intensificou outra vez. Talvez prefira esperar que amaine.

O homem voltou-se para Carter e as pérolas negras dos seus olhos brilharam intensamente. Aquele olhar parecia ter estado a avaliar cada um dos seus gestos e expressões desde o momento em que entrara no gabinete, farejando as falhas e analisando paciente as suas palavras. Carter lamentou ter feito aquele oferecimento de prolongar a hospitalidade do St. Patrick's.

Naquele preciso instante, Carter desejava poucas coisas no mundo com a mesma intensidade com que ansiava por perder de vista aquele indivíduo. Pouco lhe interessava se um furacão arrasava as ruas da cidade.

– A chuva parará em breve, senhor Carter – respondeu Jawahal.
– De qualquer forma, obrigado.

Vendela, precisa como um relógio, estava à espera no corredor pelo fim da entrevista e escoltou o visitante até à saída. Da janela do seu gabinete, Carter contemplou aquela silhueta negra afastando-se debaixo da chuva até a ver desaparecer na base da colina, entre as ruelas. Permaneceu ali, em frente da janela, com o olhar fixo no Raj Bhawan, a sede do governo. Minutos depois, a chuva cessou, tal como Jawahal previra.

Thomas Carter serviu-se de outra chávena de chá e sentou-se na poltrona a contemplar a cidade. Fora criado num lugar similar ao que agora dirigia, nas ruas de Liverpool. Entre os muros daquela instituição aprendera três coisas que iriam presidir ao resto da sua vida: a apreciar o valor do que é material na sua justa medida, a amar os clássicos e, em último lugar mas não menos importante, a reconhecer um mentiroso a um quilómetro de distância.

Saboreou o chá sem pressa e decidiu começar a celebrar o seu quinquagésimo aniversário, considerando que Calcutá ainda tinha

surpresas reservadas para si. Aproximou-se do armário com portas de vidro e tirou a caixa de charutos que reservava para as ocasiões memoráveis. Riscou um longo fósforo e acendeu o valioso exemplar com toda a parcimónia que o cerimonial exigia.

Depois, aproveitando a chama providencial daquele fósforo, extraiu a carta de Aryami Bosé da gaveta da sua secretária e deitou-lhe fogo. Enquanto o pergaminho se reduzia a cinzas numa pequena bandeja gravada com as iniciais do St. Patrick's, Carter deliciou-se com o tabaco e, em honra a um dos seus ídolos de juventude, Benjamin Franklin, decidiu que o novo inquilino do orfanato St. Patrick's cresceria com o nome de Ben e que ele, pessoalmente, poria todo o empenho em que o rapaz encontrasse entre aquelas quatro paredes a família que o destino lhe roubara.